



GRANDE CONSELHO DE MESTRES REAIS E ESCOLHIDOS DE PORTUGAL

Comunicação N.º 13 de 28 de maio do AD 2026, do Ilustríssimo Grão Mestre

A ORDEM DE SANTIAGO

A Espada, o Caminho e a Fidelidade

A Ordem de Santiago, também conhecida em Portugal como Ordem Militar de Santiago da Espada, nasceu no contexto espiritual e militar da Reconquista cristã da Península Ibérica. A sua missão primeira era dupla: defender os territórios cristãos e proteger os peregrinos que seguiam os caminhos de Santiago. A sua origem remonta à segunda metade do Sec. XII (1170) em Cáceres, sob a proteção do Rei D. Fernando II de Leão, sendo depois reconhecida pelo Papa em 1175). A propósito, acentue-se que do Código Penitencial da Ordem de Santiago constava que seriam castigados com um ano de penitência os freires que revelassem segredos capitulares.

O seu símbolo maior é a espada vermelha em forma de cruz.

Não se trata apenas de uma arma: é uma espada transfigurada em sinal espiritual. A espada aponta para a coragem, para a defesa da justiça e para o combate interior; a cruz recorda que nenhuma força tem legitimidade se não estiver submetida à verdade, à honra e ao serviço. Em Portugal, a delegação da Ordem de Santiago teve papel relevante desde os primeiros tempos da nacionalidade. Participou na defesa, conquista, povoamento e organização de vastas regiões do território português. Ligou-se especialmente a lugares como Palmela, Alcácer do Sal e Mértola, o Alentejo e Algarve. Palmela conserva ainda hoje uma ligação histórica e profunda à Ordem que ali se radicou desde o século XII e manteve forte presença até à extinção das Ordens religiosas em 1834.

A Ordem de Santiago não foi apenas uma instituição guerreira. Foi também uma escola de disciplina, obediência, fraternidade e serviço. O cavaleiro da Ordem de Santiago não era chamado apenas a vencer inimigos exteriores; era chamado, sobretudo, a vencer em si mesmo o medo, a vaidade, a cobiça e a desordem interior.

O génio político do infante, que seria D. João II, e a quem o povo chamaria o Príncipe Perfeito, levou-o não só a assumir a administração da Ordem de Santiago, que reorganizou, como a dirigir, através dela, a política expansionista portuguesa. O vastíssimo património da Ordem que possuía povoações e terrenos em todo o Sul do País e ainda noutras regiões como em Trás-os-Montes e nas Beiras, passou a ser utilizado na concretização de um projeto que aos olhos dos Incapazes de sonhar parecia uma utopia. Entrou-se então num período de vertigem donde brotaram os mais marcantes feitos da nossa História, cujas origens continuam, muitas vezes a ser mitificadas e deturpadas, como consequência do emaranhado de intrigas e de esgrima políticas onde o papel menor não foi confiado ao Papado. Sabe-se desde há algum tempo que na primeira fase dos Descobrimentos a Ordem de Santiago foi chamada a grande protagonismo, como se sabe



que o filho bastardo de D. João II, D. Jorge, tentou, contra forças na altura invencíveis, prosseguir a obra de seu pai.

Também se sabe que só com a morte de D. Jorge que ocorreria em 1550, a administração de todas as ordens passaria para o poder régio.

A propósito, recorde-se o que nos diz um dos fundadores do nosso Conselho da Ordem de Santiago, o Companheiro Trovão do Rosário, que a um cavaleiro da Ordem de Santiago se deve a construção da então importantíssima fortaleza de S. Jorge da Mina e que é falsa a informação divulgada, ainda hoje, por manuais escolares de que Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral eram, à época dos feitos que os notabilizaram, cavaleiros da Ordem de Cristo, quando eram ambos Cavaleiros da Ordem de Santiago.

Aliás, lembra ainda que Vasco da Gama recebeu das mãos de D. Jorge duas comendas, em 1495, em termos que claramente indiciavam que se tinha iniciado com o indispensável secretismo a preparação da viagem à Índia.

Questiona-se também sobre qual o motivo que D. Manuel I, a pedido de D. Jorge, expulsou de Sines, em 1507, o Almirante Vasco da Gama, com a expressa determinação de que nem ele nem sua mulher lá voltassem jamais.

Se não tivesse sido enorme a importância do papel desempenhado pela Ordem de Santiago, como se explicaria o facto de terem sido Cavaleiros seus, o 1º Vice-Rei da Índia, D. Francisco de Almeida e o primeiro Governador da Índia, D. Afonso de Albuquerque?

Recorda-nos ainda o nosso Companheiro e muito Respeitável Antigo Grão- Mestre da GLRP, a utilização da Ordem de Santiago na ferocíssima luta que D. João II travou com os Reis Católicos e com a Casa de Bragança, durante a qual logrou a celebração do Tratado de Tordesilhas ... e também o afastamento do seu filho bastardo D. Jorge na sucessão ao trono, após a sua estranha morte, e à escolha de D. Manuel...Enfim , alguns motivos de reflexão!

Mas o que mais interessará, nesta minha comunicação em homenagem ao Conselho N.º 5, da Ordem de Santiago, é a lição particularmente fecunda para os Maçons Crípticos do seu elevado espírito de Servir! Também nós sabemos que a verdadeira construção, a verdadeira obra, não se faz apenas com pedra, régua e esquadro, mas com silêncio.

A assiduidade, fidelidade e espírito de missão. O Templo que procuramos erguer não é somente exterior: é, antes de tudo, o Templo íntimo, onde a Palavra se guarda, se procura e se merece.

A espada de Santiago pode ser compreendida como símbolo de vigilância. Não a violência, mas a firmeza. Não a agressão, mas a defesa do que é justo. Não o orgulho do poder, mas a humildade do serviço. O cavaleiro verdadeiro é aquele que sabe que a maior batalha se trava no coração humano.

A tradição da Ordem de Santiago recorda-nos ainda o valor do caminho. Santiago é também peregrinação. E todo o Maçon é, de certo modo, peregrino: caminha da ignorância para a luz, da dispersão para a unidade, do ruído para o silêncio, da aparência para a verdade.

Por isso, ao evocarmos a Ordem de Santiago, nesta sessão do Conselho N.º 5, evocamos três grandes deveres:



Servir, porque nenhuma dignidade existe sem serviço;
Guardar, porque há valores que não podem ser entregues ao esquecimento;
Caminhar, porque a perfeição não se possui de uma vez, procura-se passo a passo, com constância e humildade.

A Ordem de Santiago ensina-nos que a espada só é nobre quando serve a cruz; que a força só é legítima quando obedece à justiça; e que o caminho só é verdadeiro quando conduz à luz.

A espada de Santiago, afinal, não é apenas memória histórica. É advertência moral. É símbolo de coragem disciplinada. É apelo à fidelidade. É convite a que cada um de nós, no silêncio do seu próprio Templo interior, saiba combater o bom combate: o combate pela verdade, pela honra, pela fraternidade e pela luz.

Per gladium ad lucem.

(Pela espada, até à luz) .

ou ainda:

In fide et Servitio

(Na Fé e no Serviço)

A Oriente de Lisboa, na Sessão do Conselho N.º 5, no dia 28 de Maio , A.D. de 3026

Joaquim Cardoso Martins

(GM do GCMREP)